

3

VANIA REGINA BOSCHETTI (*)

**COMUNICAÇÃO -
EDUCAÇÃO -
TRANSFORMAÇÃO**

ABSTRACT

The text presents a short reflection about the means of social communication and its acting as a support conveyance of the social structures, specially in Latin America.

RESUMO

O texto faz uma breve reflexão sobre os meios de comunicação social e sua atuação como veículos de manutenção das estruturas sociais, notadamente na América Latina.

(*) Mestranda em Filosofia da Educação (UNIMEP), leciona História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Em nenhuma outra época, o homem teve tantas possibilidades de desenvolver suas capacidades - de auto-expressão. A pessoa, como "ser comunicativo", tende hoje a realizar-se mais plena e profundamente que nunca, em sua tarefa histórica, na medida em que as condições deveriam permitir uma vivência mais rica, e, se isso não acontece, é porque, entre alguns fatores, os meios de comunicação social converteram todo projeto cultural e informativo em objeto de consumo, em mercadoria que tenha significado no jogo da oferta e da procura, dependente das novidades, possibilidades, riscos e desafios. Logo, a realidade comunicativa apresenta-se constantemente deformada.

Extremamente elaborados, os meios de comunicação caracterizaram-se por sofisticados recursos visuais e sonoros e fazem por massificar todo o processo de assimilação cultural do homem, ainda preso à decodificação de signos lingüísticos. Isso vem do fato de estarmos secularmente atrelados à visualização das palavras. A escrita é algo presente e permanente que acaba por condicionar infinitivamente as manifestações humanas.

Os signos da escrita produzem um tipo de comunicação que prioriza os conteúdos, dando lugar, já no campo escolar, à instrução meramente cumulativa e erudita. Na aquisição do conhecimento, busca-se o enriquecimento da inteligência, esquecendo-se de que sentidos, sentimentos, emoções são valiosas vias naturais por onde o "saber" também transita.

Na prática escolar, a valorização desse -- discurso de aprendizagem fecha as portas à experiência e à vida; a vinculação das práticas educativas - aos textos didáticos vem por dispensar a prodigiosa memória do homem pré-alfabético.

Manter a aprendizagem no universo da mera informação significa saturar as aulas de conceitos. É preciso ir além; é necessário provocar mudança de

conduta para que o ato de aprender seja sinônimo de mobilização, compromisso, consciência das estruturas do conhecimento e de como entendê-lo e usá-lo.

Falta ao processo de educação, que se realiza em nossas escolas, uma comunicação mais intensa, mais viva, espontânea e natural, que possa realmente atender às múltiplas possibilidades da pessoa humana e dos grupos sociais. Entretanto, em lugar -- disso, "dar" aulas ou "assistir" a elas manifesta-se, pura e simplesmente, como uma atividade compulsiva, cuja finalidade é cumprir uma programação.

"A escola é um parêntese mortificante e mortífero na vida diária do aluno. Submete-se ele, porque não existe outro remédio, já que estamos pressionados pela estrutura social"; (Oliveira Lima).

Essa submissão é resultado da experiência do poder que está imersa em nossa vida cotidiana: começando pela onipotência da família e passando depois para a escola e demais esferas sociais, onde o aluno está em poder do professor, ou o menor em poder do maior, o fraco em poder do forte, os grupos em poder do líder. A questão do poder, enraíza-se, portanto, nas experiências da desigualdade.

A importância da escola é acentuada na vida da criança, e todas as relações que lá se desenvolvem - seja de reciprocidade ou de rivalidade - estão no centro das preocupações infantis e colocam a criança num mundo de adultos, como se fosse ela um adulto menor ou mais tolo.

Evidencia-se, assim, uma submissão acrítica (à qual está sujeita TODA população escolar), sem resistência, talvez até como mecanismo de sobrevivência e de costas voltadas à realidade social.

Dizia Marx: "se o homem é formado pelas -- circunstâncias, as circunstâncias devem tornar-se humanas". Não se percebe, porém, a ocorrência dessa

possibilidade, e a "desumanização" permeia o mundo infantil na medida que, desde cedo, se perde a linguagem simples, lúdica, prazerosa, de arte e de magia. - Como consequência, fica seriamente comprometida a possibilidade de reinstrumentalizar um processo de comunicação educativa eficiente e eficaz, ou seja, propostas e abertura de mecanismos nos quais e pelos quais se possa dizer algo.

Se a comunicação é indispensável para transferir conceitos e informações, mais indispensável se torna num processo de transformação. Sem diálogo não há transformação e, se cada um não falar a sua fala, não haverá diálogo. A relação entre transformação - diálogo fundamenta-se na pessoa.

Uma pessoa tolhida não se expressa, não cria, não pensa. A produção intelectual e ativa do homem não parte do nada. Sem idéias e sem linguagem, nenhum milagre acontece. Não há outro caminho para a liberação. Nem outras regras. Nem outras fórmulas.

No panorama latino-americano, tais condições são agravadas pela existência de sociedades periféricas, dependentes das determinações do capitalismo internacional. Tudo o que se pode falar ou escrever - sobre as questões das deficiências de comunicação, escolarização, transformação, acentua-se em proporção e entaves, quando se trata de países subdesenvolvidos.

Na América Latina, os meios de comunicação social, longe de atuar como agentes positivos de mudança, como instrumentos de promoção humana e como veículos de educação, contribuem decisivamente para manter os interesses das estruturas dominantes internas e externas.

"O folclore sou eu", dizia Heitor Villa Lobos, explicando com essa declaração de princípios, "o acento profundamente brasileiro de sua música por uma projeção dentro-fora, por uma operação exteriorizante, expressiva do seu espírito brasileiro, formado no

Brasil, herdeiro de tradições autóctones, africanas, - cantochão, barroquismo, romantismo, classicismo, batuques",...

Quantos intelectuais poderiam assumir com - tal desenvoltura essa multiplicidade de influências e recursos sem perder as características particulares - de sua obra, sem afogar-se na diversidade, sem, inclusive, impor-se um silêncio constrangedor de falta de identidade?

A condição de espaço dependente, exposto a uma comunicação de massa fartamente direcionada por uma ideologia de manutenção da dependência, tende a -- cristalizar-se cada vez mais. A visão panorâmica, que se tem e que se propaga da América Latina, ainda é amplamente caracterizada por noções onde o típico, o cáloroso, o colorido, o musical aparecem, não como arcabouço cultural a ser respeitado e evoluído, mas como o exótico, o místico, o turístico. Essa visão é de -- tal forma difundida que toda a problemática da população latino-americana, "se explica" pelo ângulo fatalista, como se fora ela resultado de indolência, da - mestiçagem, da falta de empenho, de aprumo...

Até intelectuais e cientistas reconhecem -- que a condição de vida dos povos latino-americanos é lamentável; reconhecem todos que deveria fazer-se qualquer coisa por esses povos. Mas tudo fica na vaga espera de "um acontecimento messiânico, apocalíptico, - cuja ausência parece justificar qualquer inação... Qualquer coisa vai suceder muito rapidamente... qualquer coisa, cuja índole não se conhece ainda, mas trata-se de um acontecimento eminente que, pelo gênio da raça, pela sua latinidade, haverá de transfigurar a vida do continente. Surgirá uma solução diferente, -- qualquer coisa de americano... Tudo parece indicar que quando este continente despertar se apoderará do que lhe cabe, do seu destino. Possui os meios para fazê-lo: selvas, terras virgens, rios" (Carpenter), recursos naturais, eldorados, ruínas maias, concentra

ções cósmicas e energéticas, e... o povo, esse povo - latino-americano, tão cantor, tão inventivo, tão artista, tão malemolente na sua gíria, no seu jeito, na sua ginga.

"Tenho uma fé absoluta no povo" - exclamação permanente na boca das pessoas bem intencionadas, que entretanto ignoram (?) o estado em que esse povo vive e os males que devem aos "eldorados".

Boas intenções?

Até quando?

-----*-----

BIBLIOGRAFIA

BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.

BORDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.

GUTIERREZ, F. *Linguagem total, uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo, Summus Editorial, 1978.

HELD, J. *O imaginário no poder - as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo, Summus Editorial, 1980.

VANNUCCHI, Aldo. *Cultura brasileira - visão e previsão*. São Paulo, Loyola, 1987. (A caminho do ano 2000, 2).